A Mata

Apaixonar-se pode ser mortal

Fábio da Silva

Copyright © 2013 by Fábio da Silva

TÍTULO ORIGINAL
A Mata

EDITOR
Clube de Autores / Agbook

DIAGRAMAÇÃO
Fábio da Silva

CAPISTA
Fábio da Silva

GÊNERO
Romance / Literatura Brasileira

EDIÇÃO
1ª

Todos os direitos reservados à

Fábio da Silva
http://blogdofabiodasilva.blogspot.com/
silver_mota@yahoo.com.br
silver_mota@hotmail.com

Dedicatória

Dedico também esta segunda obra à minha família: meu pai e grande conselheiro Ayrton, que é um exemplo para mim; minha muito dedicada mãe Adelvair que, apesar de todas as suas limitações físicas, mantém-se inabalável em sua fé, servindo-me de inspiração; meu irmão, amigo e companheiro Wagner, que superou todas as adversidades para estar junto de sua esposa e filhos; meus dois sobrinhos, o alegre e esperto Pedro e a pequenina e doce Alice, que em breve completará o seu primeiro aninho de vida. E a um futuro promissor, de harmonia, de união e de felicidade para todos nós.

Agradecimentos

Quero agradecer aos meus dois companheiros de viagem, sem os quais este livro não seria possível: meu amigo Cleiton e seu pai Manoel, que, em janeiro de dois mil e onze, me proporcionaram conhecer a cidade de Corumbá, "Capital do Pantanal", no estado de Mato Grosso do Sul, local que é o palco de nossa história. Sem esquecer a senhorita Jacqueline, prima deles, a simpática moça que trabalha como Gestora de Atividades em Turismo, junto à prefeitura daquela cidade, e que me forneceu material de grande importância para minhas pesquisas. E, por último e mais importante, agradeço a Deus pelo que conquistei até o presente instante, por tudo de bom que ainda está por vir e por me permitir dispor as letras de nosso alfabeto, nestas páginas, de forma que meus leitores possam compreender meus humildes pensamentos.

A Mata

Dentre as matas, tu és a mais bela.
Mata de folhas tenras e de frutos doces.
Mata de perigos e de prazeres.
Sei que dentro de ti escondes um lago de segredos.
Enfrentarei a onça e a serpente para encontrá-lo.
E quando a este lado chegar,
Nos teus cabelos negros, vou mergulhar.
Nos teus olhos castanhos, vou me banhar.
Na tua pele morena, vou me afogar.
Serei teu maior explorador.
Ó Mata!
Ó Mata!
Mata-me de amor!

Fábio da Silva

Sumário

1.....11

2.....22

3.....41

4.....55

5.....68

6.....84

7.....95

8.....106

9.....117

10.....131

11.....147

12.....156

1

Era dia na Fazenda Santa Helena. Com a espingarda em punho, Eduardo Ribeiro – um jovem alto e branco, de cabelos castanhos, por volta dos trinta anos – pulou a cerca da propriedade e seguiu correndo velozmente em direção ao casarão, que se encontrava lá adiante. Suas roupas estavam sujas e amarrotadas. Seu semblante era de desespero. Quando Eduardo finalmente invadiu correndo a sala do casarão, Dalva – uma senhora morena e forte, por volta dos cinquenta anos, que usava um vestido de alças - se assustou e deixou o pequeno vaso de plantas que segurava cair no chão. Súbito, uma voz feminina gritou. Um rugido de onça ecoou. O rapaz subiu a escada apressadamente até o segundo andar, onde deu um ponta-pé na porta de um dos quartos, no qual entrou, mirou e atirou. Eduardo abaixou a espingarda e a soltou no chão. Pôs-se de joelhos e, chorando, lamentou:

- Me perdoe! Me perdoe, Marília! Me perdoe!

Uma poça de sangue aproximava-se de Eduardo.

- *Eu, que sempre fui um homem racional, arrisquei tudo por causa dela, dela e da minha vaidade. Isso foi há um ano, mas tudo*

continua tão vivo em minha mente como se tivesse acontecido ontem.

Um ano antes...

Era final de tarde. Um avião vindo do Rio de Janeiro aterrissava na pista do Aeroporto Internacional de Corumbá, em Mato Grosso do Sul. No desembarque, dentre os passageiros, surgia Eduardo Ribeiro – já descrito no início de nossa trama -, que era recebido por sua noiva Marília Gonçalves de Alencar – uma bela jovem, alta e branca, de longos cabelos negros e olhos azuis, tinha por volta dos trinta anos e vestia-se elegantemente. Ambos se abraçaram e se beijaram calorosamente.

- Saudades, Marília?! – perguntou Eduardo.

- O que você acha, Edu?! – respondeu a moça - Fez boa viagem?

- Foi ótima! Mas a recepção aqui em Corumbá foi bem melhor.

Caro leitor, antes de prosseguirmos com a nossa história, permita-me fazer uma breve descrição de Corumbá.

Localizada a mais de 400 quilômetros da capital do estado de Mato Grosso do Sul*, Campo Grande, a cidade, que se desenvolveu

***O estado de Mato Grosso do Sul foi criado apenas em 1977, a partir de um desmembramento de Mato Grosso.**

às margens do Rio Paraguai, já contabiliza uma população de mais de 100.000 mil habitantes.

Fundada em 1778, foi chamada, em suas primeiras denominações, de Arraial de Nossa Senhora da Conceição de Albuquerque e de Freguesia de Santa Cruz de Corumbá.

Sua ocupação teve início, ainda no Século XVI, quando os portugueses tencionavam encontrar ouro na região. Posteriormente, com o intuito de defender as terras das invasões espanholas, fixaram-se pontos militares, estabelecendo-se o domínio português.

Na segunda metade do Século XIX, a região foi ocupada e destruída, em virtude da Guerra do Paraguai, como consequência a navegação pelo Rio Paraguai foi interrompida, desestruturando assim o comércio. Finda a guerra, a cidade foi reconstruída e a navegação restabelecida, ocasião em que começaram a chegar imigrantes latino-americanos e europeus, alavancando o desenvolvimento da cidade.

Devido a sua localização fronteiriça, a única forma de comunicação da região era através dos rios, motivo pelo qual, até a década de 50 do século passado, a cidade era influenciada pelos países da Bacia do Prata, herdando seus costumes, linguagem e música.

No início do Século XX, com a construção da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil, o

transporte fluvial ficou em segundo plano, logo o comércio deslocou-se do sul do, até então, estado de Mato Grosso para Campo Grande. Por conseguinte, Corumbá voltou-se para a mineração e as atividades rurais. Nos dias de hoje, dedica-se também ao turismo.

Na década de 40, a cidade iniciou suas atividades industriais, explorando principalmente o calcário e outras riquezas minerais.

No final dos anos 70, iniciou-se a exploração da atividade turística, o que viabilizou a restauração das construções antigas pelos empresários desse segmento. O turismo firmou-se nos anos 80, mudando de vez a economia da cidade, gerando uma infra-estrutura para atender melhor os seus visitantes.

Embora o ecoturismo ainda não tenha alcançado o seu potencial máximo, vale ressaltar que é no Rio Paraguai onde encontramos as regiões mais procuradas para o turismo no Pantanal.

Basicamente, a pecuária do gado de corte é a única atividade exercida nas fazendas, enquanto que no centro urbano, o mercado de trabalho é voltado para a prestação de serviços e o comércio.

Tombados em 1992, os casarões e sobrados, construídos numa época próspera, revelam a beleza da influência do estilo europeu em Corumbá. Os prédios que compõem

sua paisagem estão dispostos nas ditas partes alta e baixa.

Atualmente, sua arquitetura é um misto do antigo e do novo, com modernas edificações emergindo na cidade.

Falar de Corumbá é falar do Pantanal.

Sendo a maior planície alagável do planeta, o Pantanal avança por terras brasileiras, paraguaias e bolivianas. No Brasil, abrange os estados de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, sobretudo a cidade de Corumbá.

Esse paraíso ecológico destaca-se por apresentar uma grande diversidade de espécies de fauna e flora.

Uma característica peculiar do Pantanal é seu ciclo de cheias e secas. De modo geral, a região apresenta períodos mais chuvosos de novembro a abril e de maior estiagem de maio a outubro. O verão caracteriza-se por ser bastante quente, enquanto que o inverno pode ser muito frio.

Chamada de "Cidade Branca" - pelo fato de sua terra ser rica em calcário, conferindo-lhe uma cor clara -, considerada pelos corumbaenses como "Capital do Pantanal" - em virtude deste paraíso ecológico ocupar, em grande parte, o seu território -, a cidade de Corumbá será o palco da nossa história...

Retornando do aeroporto, a caminhonete vermelha de Marília seguia pela estrada de

terra em meio às propriedades rurais. Ela estava ao volante, e Eduardo, no banco do carona.

- E como você ficou essa semana, Edu? Alguma evolução? – perguntou a moça.

- Nada, Marília. Nada. Parece que vou continuar no atendimento ambulatorial por um bom tempo. – respondeu desanimado.

- Você fez o que pode, Edu. Aliás, nós fizemos. – tentou confortá-lo.

- Eu sei, Marília. Eu sei.

Eram médicos num renomado hospital do Rio de Janeiro. Ela corumbaense de nascença, mas carioca de coração, fora cursar medicina na Universidade Federal do Rio de Janeiro e, depois de formada, acabou se estabelecendo por lá. Ele, carioca da gema e oriundo de uma família de classe média alta da Zona Sul, cursara medicina na mesma universidade que Marília. E, embora colegas de curso, não tiveram nenhum envolvimento, pois a moça já se encontrava enamorada por outro e, ao que parecia, iria dar em casamento. Perderam contato depois de formados, reencontrando-se tempos depois, quando foram trabalhar juntos no mesmo hospital. Na ocasião, ambos estavam livres e puderam dar início a um relacionamento, que evoluíra para noivado há alguns meses. E já estavam com o casamento marcado para daqui a um ano.

Eduardo, sempre exigente consigo mesmo, era um cirurgião de destaque e respeitado pelos colegas; mas, infelizmente, depois daquele trágico dia em que perdera, pela primeira vez, uma paciente, naquela emergência de hospital, sua vida ficou marcada para sempre. Considerou aquela perda uma derrota e fazia seis meses que não conseguia realizar um procedimento cirúrgico.

Por fim, a caminhonete vermelha de Marília atravessou uma grande porteira com a placa contendo a inscrição "FAZENDA SANTA HELENA, SEJA BEM-VINDO!", seguiu propriedade adentro, parando em frente ao casarão em estilo colonial, que era a morada dos Gonçalves de Alencar – uma tradicional e respeitada família corumbaense. Lá, os aguardavam os pais da moça e três empregados. Marília e Eduardo desceram do veículo e subiram o pequeno lance de degraus até a varanda; foram recebidos por Francisco Gonçalves de Alencar – um senhor de estatura mediana, branco, forte, de bigode, por volta dos sessenta anos, que usava aquele típico chapéu de fazendeiro – e sua esposa Ângela Gonçalves de Alencar – uma bela senhora, alta e branca, de olhos azuis, por volta dos cinquenta e igualmente elegante como a filha; Dalva – já descrita no início - e sua filha Ritinha – uma bela moreninha, de